

TEOLOGIA E CONSUMISMO:

UMA REFLEXÃO NA EPÍSTOLA DE TIAGO

Consumerism and Theology: Reflections on the Epistle of James.

Robson Júbrica de Campos*

Resumo

Abordaremos a temática sociocultural do consumismo na ótica da Epístola de Tiago a partir da tentação. Numa sociedade onde o consumismo esta em alto e o hedonismo norteia a vivência humana, perguntamo-nos como a Bíblia interage com esse comportamento? Na busca por possíveis respostas temos o texto de Tiago que nos fala sobre o desejo que seduz e conduz o ser humano a práticas destrutíveis. Numa análise do processo que ocorre do desejo até o consumismo, utilizando como fonte o processo da tentação estabelecido por Tiago, verificamos as variáveis que o autor da Epístola nos fornece. Abordamos o consumismo como uma problemática que necessita de intervenções públicas e como uma leitura teológica pode auxiliar na construção dessas políticas públicas. A pesquisa será qualitativa do tipo bibliográfica, utilizando o método fenomenológico.

Palavras-chave: Consumismo. Teologia e Sociedade. Epístola de Tiago.

Abstract

We will address the issue of consumerism socially culturally of the perspective of the Epistle of James as from the temptation. In a society where consumerism is in high and the hedonism guides the human experience, wonders how the Bible interacts with this behavior? In the search by possible answers we have the text of James who tells us about the desire that entices and leads humans to destructible practices. In an analysis of the process that occurs of the desire until consumerism, using as a source the process of the temptation established by James, we find the variables that the author of the epistle provides us. We will discuss consumerism as a problem that requires public interventions and as a theological reading can help in the construction of these public policies. The research will be qualitative of the type bibliographic , using the phenomenological method..

Keywords: Consumerism. Theology and Society. Epistle of James.

* Robson Júbrica de Campos. Bacharel em Teologia (EST). Especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral (EST). Mestrando em Teologia, aluno das Faculdades EST.

Considerações Iniciais

Para a análise do consumismo e teologia, utilizaremos do conceito da teologia pública que é a parte da teologia que trata dos dilemas sociais, voltando-se para as necessidades e indagações que a sociedade enfrenta. Entendendo que a teologia precisa interagir com a sociedade de forma prática e operante, que atuando com o povo e para o povo.

Teremos como pano de fundo a fenomenologia da tentação descrita na Epístola de Tiago, capítulo 1 versos 14 e 15 que diz: “Cada um, porém, é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência; então a concupiscência, havendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.” Aplicando esse processo ao consumismo podemos dizer que, “cada um pode se tornar um consumista, quando atraído e engodado pelo seu próprio desejo de consumo; então o desejo de consumo, havendo concebido, dá à luz ao consumismo; e o consumismo, sendo consumado, gera a falência social, emocional, financeira e familiar”.

Tiago ao relatar detalhadamente o processo da tentação nos fornece subsídios para uma análise do consumismo numa ótica teológica. Teologicamente como entender o consumismo? Como ele se origina? Qual sua relatividade com a tentação? Como a teologia pública pode agir frente ao consumismo? Neste artigo buscaremos possíveis respostas para essas indagações.

Consumismo não é meramente um impulso por compras. Embora a compulsão faça parte do comportamento consumista existem fatores como desejos e necessidades que antecedem essa conduta.

O olhar teológico sobre o humano que está envolvido por tal prática inicia-se a partir do ponto estabelecido pelo apóstolo Tiago, autor da Epístola de Tiago. Nossa teológica precisa olhar a ser humano a partir da tentação que antecede a queda.

Observar apenas o consumismo e não o que precede o estabelecimento dessa conduta na pessoa, possivelmente nos atrapalhará na elaboração de uma teologia pública relevante a sociedade.

O autor da Epístola de Tiago ao abordar sobre a tentação tece de forma detalhada como se estabelece no ser humano uma conduta nociva. Ele utiliza o termo concupiscência

do grego *epithumia*, para se referir ao desejo que é o ponto de partida para a constituição de um comportamento danoso.

Nessa pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, com o método fenomenológico, os principais teóricos são o teólogo norte americano Erickon Millard, Ph. D. pela Universidade Northwestern e o teólogo brasileiro Rubem Alves, educador, psicanalista, mestre em Teologia pela Union Theological Seminary de Nova York e doutor em Filosofia pela Princeton Theological Seminary de Princeton.

Dividiremos esse artigo em três momentos. Primeiro sobre o autor da Epístola de Tiago, segundo falaremos a respeito do processo da tentação descrito pelo autor da Epístola. E, terceiro analisaremos o consumismo de forma teológica via o processo da tentação.

Sobre o autor da Epístola

Ao falar de tentação a partir do princípio estabelecido por Tiago tornasse necessário comentar sobre ele, através de um análise do autor da Carta de Tiago. Embora haja pelo menos três *Tiagos* possíveis de terem escrito esta carta, o mais aceito e provável é o Tiago, o irmão do Senhor Jesus.

A maneira como o autor da epístola menciona seu nome, mostra que ele era um personagem bem conhecido na época. Uma pessoa que não precisava dizer da onde era, qual seu sobrenome, seu cargo ou função, bastava dizer que era Tiago e todos saberiam quem se tratava.

Geralmente vemos nos livros canônicos, que compõem as Sagradas Escrituras, em especial no que diz respeito ao Novo Testamento, uma introdução diferente da qual Tiago usou, como as cartas Paulinas, onde podemos citar o “Carta aos Romanos”, “I e II Coríntios”.

De certa forma esse simplicidade coopera para a avaliação de Tiago “irmão de Jesus” como autor da carta. O teólogo e filósofo Douglas J. Moo, comenta que “o autor da carta apresenta-se simplesmente como Tiago. A simplicidade da identificação aponta para o bem conhecido Tiago, o Justo, meio irmão do Senhor (Gl. 1.19) e líder da primeira Igreja de Jerusalém¹. Moo também acrescenta que “o grego da epístola contém algumas semelhanças

¹ MOO, Douglas J. *Tiago – Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 57

notáveis com o grego do breve discurso creditado a Tiago, o irmão do Senhor, em Atos 15:13-21, e à carta enviada segundo sua ordem, registrada em Atos 15:23-29”².

Há pouca informação histórica sobre Tiago “irmão de Jesus”, mas J. Sidlow Baxter, em seu Livro “Examinai as Escrituras: Atos a Apocalipse”, faz uma menção sobre possíveis fatos dessa história que nos ajudará a ter em mente o perfil de Tiago e como ele era visto no início do segundo século:

Eusébio preserva uma descrição interessante de Tiago feita por Hegésipo, um escrito do início do segundo século. Tiago “irmão do Senhor”, que por haver muitos com o mesmo nome, recebeu o sobrenome de Justo por parte de todos, desde os dias do Senhor até agora e a quem foi dado o governo da Igreja com os apóstolos. Ele não bebia vinho nem bebida forte e abstinha-se de alimento de origem animal. Sua cabeça jamais foi tocada por navalha; nunca se ungiu com óleo e nunca se banhou. Não usava roupas de lã, mas apenas de linho fino. Tinha o hábito de entrar sozinho no Templo, sendo quase sempre encontrado de joelhos, pedindo perdão pelo povo, de modo que seus joelhos tornaram-se duros com os de um camelo em consequência de suas súplicas habituais e de ajoelhar-se diante de Deus. De fato, por causa de sua grande justiça foi chamado Justo, também Oblias, que em grego é “defensor do povo”, como os profetas declaram a respeito a ele³.

Após esse relato, J. Sidlow Baxter, ainda comenta que o “bispo Lightfoot, em seu comentário de Gálatas, adverte-nos de que existem razões para não aceitar este registro muito literalmente, mas não há dúvida que sua base é verdadeira⁴”.

Mesmo na falta da unanimidade do nome de Tiago irmão do nosso Senhor Jesus Cristo ou de outra pessoa como autor da carta, podemos tecer certas considerações sobre essa epístola, que nos fazem pensar sobre a relevância de analisarmos a tentação a partir dela.

O homem que escreve nesse grego excelente possui, todavia, cultura semítica evidente. O menos que se pode dizer é que ele é profundamente marcado pelas Escrituras Judaicas em sua tradução e em sua meditação em ambiente helenizado. Muitas expressões figuradas procedem da cultura semítica: assim “os caminhos do homem”, “tomar em consideração o rosto de alguém”, “ir em paz”, assim também o emprego do verbo “fazer” no sentido de “produzir”, o gênero literário das “bênçãos/maldições”, a expressão “no nome de”⁵.

² MOO, 1990, p. 22.

³ BAXTER, J. Sidlow. Examinai as Escrituras: Atos a Apocalipse. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 307

⁴ BAXTER, 1989, p. 310

⁵ CARREZ, Maurice.; DORNIER, Pierre.; DUMAIS, Marcel.; TRIMAILLE, Michel.. As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas. São Paulo: Paulus, 1987. p s/n

Em relação ao nível de conhecimento e sabedoria do autor dessa carta, sabemos que era uma pessoa culta e o seu grego era excelente. Tinha em si um profundo conhecimento das Escrituras Judaicas, não era qualquer pessoa falando de algo qualquer, mas uma pessoa que possuía uma boa formação e estava inteirada do contexto em que estava vivendo.

A Tentação no Livro de Tiago

O texto base que empregaremos da Epístola de Tiago é o capítulo 1 versículos 13 ao 15. Para um comentário introdutório do assunto citaremos a consideração e análise de Floreal, onde segundo ele vemos que:

Estes versículos estão em um contexto que fala da livre disposição que o homem faz de sua vida e de seus atos e, neste sentido está de acordo com o que diz Tiago quando este afirma que “ Cada um, porém, é tentado quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência” (Tg. 1:14). Deus pode, é verdade, permitir a tentação, embora no caso dos crentes cuide para que esta não seja superior às suas forças: “Não vos sobreveio nenhuma tentação senão humana; mas fiel é Deus, o qual não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir, antes com a tentação dará também o meio de saída, para que podeis suportar” (I Co. 10:13)⁶.

A seqüência de Tiago é lógica: concupiscência – pecado – morte. E a única maneira de deter esta fatal seqüência está em impedir o primeiro estágio, a concupiscência, que é o desejo desordenado que não tem a conotação sexual que habitualmente damos ao termo. O próprio consumismo é uma concupiscência, ou seja, um desejo desordenado por consumo.

Quando falamos em tentação logo vem em nossas mente pensamento e desejos impuros, coisas que nem se quer deviam passar pela nossa mente. Mas essa concepção é equivocada e muito perigosa, pois não somos tentado somente pelas coisas vis, a tentação não nos ocorre por sermos pecaminosos e mal caráter, ou termos uma quedinha pelo pecado. Por mais comum, ou estranho que pareça a tentação vem e surge através de desejos comum e até necessários para a sobrevivência humana.

⁶ URETA, Floreal. Elementos de Teologia Cristã. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. p. 131

Muitas vezes se pensa que a tentação apela somente para aquilo que é mau no homem, para aquilo que é degradante e corrupto. Mas isto não é verdade. A tentação de Eva bem como a tentação de Jesus assim nos ensinou⁷.

A tentação de Jesus nos ajuda a sermos mais coerentes ao falarmos de tentação, sem ter que falarmos de pecado, pois Jesus não pecou, não praticou nenhum ato pecaminoso, porém em tudo foi tentado.

O consumismo surgiu do desejo de consumo. Desejo esses, em grande parte sem nenhuma nocividade aparente. Um desejo por roupas, calçados, comida, e assim por diante. Entender que o consumismo brota de um desejo comum facilita o exercício da poimênica para com aquele que busca ajuda para vencer esse mal.

A tentação não é algo que estamos livres mediante nosso crescimento espiritual. Se o cristão pensa que quanto mais perto de Deus estiver mais longe da tentação estará ele corre o risco de se frustrar ao descobrir que a realidade é o inverso do que ele pensa, ou seja, quanto mais perto de Deus o homem chega, mais forte e sutil torna-se a tentação.

Somos inclinados a pensar que quanto mais alto alguém sobe na vida moral e espiritual, tanto menos sujeito à tentação ele será. Todavia isto não é verdade e qualquer crente mais espiritual sabe que não é, como também a experiência do Salvador bem ilustra⁸.

Uma pessoa não está livre de ser consumista só porque tem uma ética moral, pois como ser humano possui necessidades. Infelizmente, por vezes, vemos notícias relatando o envolvimento de líderes espiritual em escândalos de cunho financeiro. Assim como religiosos endividados e pessoas que atuam em suas comunidades de fé, mas que estão com a vida “atolada” em dívidas devido ao consumismo.

O Processo da Tentação

Tiago cita o desejo como sendo a fonte da tentação. O desejo que em si pode ser algo bom ou mal, e num primeiro momento nada tem de tão nocivo à saúde emocional, social, financeira e espiritual do homem. Seu grande problema está quando este atrai e engoda o homem conduzindo-o a satisfazê-lo inadequadamente.

⁷ CONNER, Walter T. O Evangelho da Redenção. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950. p 5

⁸ CONNER, 1950, p. 6.

O teólogo George Eldon Ladd ao falar sobre a carta de Tiago comenta o seguinte a respeito do desejo, que em algumas traduções podem vir como concupiscência:

A palavra usada para “desejo” (*epithumia*) não é, em si, uma palavra que contenha alguma conotação má; de fato, Paulo a usa a respeito do desejo de estar com Cristo (Fil. 1:23). Não está claro se Tiago quer dizer desejo de coisas más. Seria possível interpretar desejo, aqui, de modo natural, desejo por coisas que, em si, não são más – algo análogo ao entendimento psicológico dos impulsos humanos. Não há nada de errado com eles, até que o homem seja “atraído e engodado pela sua própria concupiscência.” Suas realizações tornam-se um fim em si, de modo que anseia cumprir certos desejos mais do que quer a vontade de Deus. Isto pode ser ilustrado pelo rico fazendeiro, cuja grande ambição de acumular tesouros e terrenos levou-o a colocar o seu amor por eles à frente de sua obrigação para com Deus (Luc.12:16 e ss). Quando os desejos, bons em si, seduzem e tentam um homem a se desviar da vontade de Deus, concebe-se o pecado, e a morte é o fim. Parece claro que, no pensamento de Tiago, o desejo, em si, não é pecaminoso ou mau; torna-se assim apenas quando o homem é “atraído e engodado” por ele⁹.

Na tentação existe o desejo, que é algo que pertence ao homem, este o atrai e o engoda. Na visão de Tiago sobre a tentação o processo de ser atraído e engoda pelo próprio desejo é que constitui a tentação. A maneira que é narrada o acontecimentos da queda, deixa soar bem alto a palavra desejável¹⁰, antes da queda da humanidade.

O termo engodo utilizado por Tiago significa isca, a qual que tem a intenção de aprisionar, fisgar o ser humano. Assim como a isca atrai o peixe para o anzol. De forma literal podemos dizer que o homem é atraído e fisgado quando cede aos impulsos dos seus desejos.

Conner que diz: “a tentação influência à vontade, mas não a determina. À vontade a si mesma determina. De outra maneira não será vontade; aparte do poder de determinação própria a vontade seria uma força mecânica e não pessoal” ou seja, o homem tem liberdade em sua vontade, e essa por sua vez será influenciada através dos desejos pela tentação.

A tentação apela para os seus desejos humanos. Para as necessidades que você tem, e que foram criadas por Deus. Todas não são malignas. A tentação do homem deriva dum impulso dos seus próprios desejos. O apelo da tentação é sempre satisfazer uma necessidade legítima de maneira errada ou na hora errada. O desejo intrínseco, por si mesmo, é bom, querer satisfazê-lo é bom, mas quando e como é satisfeito faz a diferença¹¹.

⁹ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 545

¹⁰ Livro de Genesis capítulo 3 versículo 6.

¹¹ PETERSON, J. Allan. *Mito da Grama mais Verde*. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 79

O grande dilema no consumo é a maneira como lhe damos com os impulsos do próprio consumo. Assim como a tentação, podemos entender que o consumo tem como foco a necessidade legítima, portanto a dificuldade esta na relação do desejo e o que eu posso consumir. Em outras palavras, como satisfazer esse desejo de consumo.

Esses impulsos, assim como na tentação, tentem a tomar o controle da situação, levando a pessoa a ceder a ele e assim entrar no consumismo. Impulso que age na vontade humana atrapalhando-a a usar sua racionalidade para ponderar qual a melhor maneira de saciar seu desejo.

Desejar não consiste em praticar um mal contra si mesmo, Millard comenta a respeito dos desejos legítimos, desejos que são corretos e até lícitos que tenhamos, ele diz:

Desejos legítimos. Observe que, na tentação de Jesus, Satanás apelou para desejos legítimos. Os desejos que Satanás desafiou Jesus a cumprir, não eram errados em si. Antes, o tempo e a forma de cumprimento propostos constituíam o mal. Jesus havia jejuado por quarenta dias e noites e, por conseguinte, estava com fome. Era uma necessidade natural que teria de ser satisfeita para preservar a vida. Era correto Jesus alimentar-se, mas não por meio de uma visão miraculosa e, provavelmente não antes de sua tentação ser completada. Era conveniente que Jesus desejasse descer em segurança ao pináculo do templo, mas não exigindo do Pai uma manifestação miraculosa de poder. Era correto Jesus exigir a posse de todos os reinos do mundo, pois são seus. Ele os criou (Jo 1:3) e até agora o sustenta (Cl 1:170). Mas não era correto tentar estabelecer essa posse adorando o chefe das forças do mal¹².

Tempo e forma são aspectos que o consumo precisa respeitar uma vez negligenciando esses aspectos o consumismo tomará conta do ser humano. Assim como Jesus no deserto precisou esperar o tempo certo para se alimentar, precisamos esperar o tempo certo e correto de ser e ter as coisas.

O livro de Eclesiastes no capítulo três, Salomão nos fala que “há tempo para todo o propósito debaixo do céu”. Algo que esta dentro do tempo e o planejamento. Quando queremos algo, devemos nos planejar para conquistar.

Porém para o consumista o tempo é fazer falido, pois o seu desejo desordenado, através da compulsão o seduz para saciar seu desejo naquela hora. A compulsão, fruto dos impulsos, milita contra o tempo, deteriora a noção de tempo que o individuo possui.

¹² MILLARD, Erickson J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 243

Podemos nos indagar: Porque esperar sair do deserto para comer pão se pode transformar essa pedra em pão? E assim, uma vez deteriorado o tempo, a forma de satisfazer seus desejos também será.

O aspecto forma relaciona-se com o “como”. Como agir para conquistar aquilo que deseja. No deserto Jesus foi tentação a encontrar um novo jeito de conquistar o que queria, abrindo mãos de sua essência e valores. Satanás dá outra opção em vez da cruz, dá a Jesus a opção de adorá-lo em vez de enfrentar o sofrimento da morte.

O consumismo oferece outras formas para a pessoa possuir o que deseja. Sem sofrimento aparente, pois na hora parece tão fácil, assinar o cheque, passar o cartão, assinar à nota promissória.

Parecia tão inofensivo a proposta do diabo, era só ajoelhar e adorar. Mas Cristo sabia que adora-lo era render-se a satanás. Satisfazer os desejos da forma errada e render-se a consumismo e tornar-se escravo dele.

Sempre existirão possibilidades e alternativas para realizarmos nossos desejos. Para nos apoderamos daquilo que tanto ansiamos. Pois cada desejo se torna uma tentação. “Todo o homem tem uma série de desejos naturais que, embora bons em si e por si, são áreas potenciais para a tentação e o pecado¹³”.

O perigo esta na potencialidade que o desejos têm para o surgimento das tentações. Não é o fato de termos desejos apenas, que originam a tentação e o pecado, mas o que faremos frente a ele, se comeremos ou não “o fruto do conhecimento do bem e do mal”, se “transformaremos a pedra em pão”, se deixaremos essa atração tomar conta de nós.

O Consumismo e a teologia.

A teologia trabalha com um fator fenomenológico chamado tentação que segundo os registros na Epístola de Tiago, é meio pelo qual ser humano peca. A tentação tem seu inicio no desejo assim como o consumismo. Tendo em visto o consumismo como uma tentação originada no desejo de consumir algo, analisaremos a tentação e suas particularidades aplicando ao consumismo.

¹³ MILLARD, 1997. p. 243

A tentação reflete um estagio do ser humano muito peculiar, pois nela o homem ainda não cometeu o erro, mas tem possibilidade de cometê-lo. Observar o homem após sua queda é o observar o homem falho e fracassado, olhado antes da consumação do ato noviço é observa um ser humano que tem possibilidades de vencer ou ceder à tentação.

Analisar a pessoa que já está envolvida pelo consumismo é se deparar com um fato consumado, porém enxerga-lo antes da queda é aprender o processo que leva o individuo a ser engodado pelo consumo. É verificar como se processa na existência humano a sedução que o leva a morte.

Desejos que potencializam o consumismo.

Nossos desejos potencializam o consumismo. Quando maior os desejos que tivermos mais vulneráveis seremos ao consumismo. Infelizmente a sociedade moderna vive desse mal de criar as próprias iscas para seu engodamento. No mundo capitalista no ganho a qualquer custa, criar desejos no próximo não nos parece mal.

Erickson Millard em seu livro de Teologia Sistemática descreve três tipos de desejos que potencializam a tentação. Utilizaremos esses três tipos de desejos associando-os as potencialidades para o consumismo.

O primeiro por ele mencionado é o “desejo de desfrutar coisas”, ele explica:

Deus plantou certas necessidades em cada um de nós. A satisfação dessas necessidades não só é essencial, como também pode dar prazer. Por exemplo, as necessidades de comida e de bebida devem ser satisfeitas porque é impossível viver sem elas. Ao mesmo tempo, a comida e a bebida podem ser legitimamente desejadas como fonte de prazer. No consumo e em excesso com relação ao necessário, comete-se o pecado da glotonaria. O impulso sexual, embora desnecessário para a preservação da vida do indivíduo, é essencial para a continuidade da raça humana. Podemos desejar legitimamente a satisfação desse impulso porque ele é essencial e também porque traz prazer. Quando, porém, o impulso é satisfeito de maneiras que transcendem as limitações próprias e naturais (i.e., quando é satisfeito fora do casamento), passa a ser base do pecado. Qualquer satisfação indevida de um desejo natural é um caso de “concupiscência da carne”. (1Jo 2:16).

São desejos necessários para a nossa própria sobrevivência e até para a existência da nossa espécie, como no caso da relação sexual. O sexo em si nada tem de mal, é um bem estabelecido por Deus, para o prazer e multiplicação do homem sobre a terra.

Mas a alteração no limite, ou mandamento dado por Deus sobre como realizar, ou desfrutar desse desejo é o que origina o pecado. O jovem não precisa orar pedindo para Deus tirar o impulso sexual, mas sim esperar o momento certo para colocar esse impulso em prática.

O aumento da obesidade ilustra essa questão, onde o consumo exagerado de alimentos causa maiores danos ao corpo. A própria compulsão por comida é uma maneira do consumismo.

Com tantas coisas gostosas e atrativas, precisamos lidar com o consumo desordenado por alimentos. Onde quem ainda não provou determinado tipo de comida, ou não frequentou determinado restaurante, ainda não sabe o que é ser feliz.

O segundo desejo que potencializa o consumismo é o “desejo de obter coisas”;

Há lugar para a obtenção de posses na organização de Deus. Isto está implícito no mandamento de dominar o mundo (Gn1:28) e nas parábolas sobre mordomia (e.g. Mt 25:14-30). Além disso, as posses materiais são consideradas incentivos legítimos para encorajar a diligência. Quando, no entanto, o desejo de adquirir bens mundanos torna-se tão intenso que é satisfeito a qualquer custo, mesmo que seja explorando ou roubando dos outros, degenera-se em “concupiscência da carne” (1Jo 2:16).

Quem não quer ter um bom carro, uma boa casa, um notebook de última geração, ou um smartfone que acabou de sair da fábrica? Tais desejos são divinos, obter coisas é algo bom. Como até ser usado como mecanismo de motivação pessoal. Porém, como outros desejos, também potencializam o consumismo no ser humano se o mesmo não souber lidar com seus anseios e suas vontades.

Obter coisas exigem tempo e forma, como já falamos anteriormente. Sem um planejamento, sem fazer economias e até mesmo deixar o obter outras coisas correr o risco de ao obter o objeto de consumo, o consumista gere prejuízo a si mesmo e as pessoas que o rodeiam.

Considerando o texto de Millard, também podemos verificar que a exploração do ser humano pelo seu semelhante é fruto de um desejo desenfreado de consumo, onde como

produto final do consumo, explora-se e ou rouba para que se possa obter seu desejo de consumo. Como por exemplo, o roubo de carros e outros crimes.

O terceiro desejo que potencializa o consumismo é o “desejo de fazer coisas”, Millard assim o classifica:

As parábolas sobre mordomia também retratam o desejo de realização como algo bom e próprio. Isso faz parte daquilo que Deus espera da humanidade. Quando, porém, essa ânsia transpõe as devidas limitações, sendo perseguida à custa dos outros, degenera-se na “soberba da vida” (1Jo 2:16)¹⁴

Consumismo não ocorre somente com a aquisição de objetos, mas também realizações. Uma viagem dos sonhos, aprender novas línguas, qualificação profissional. Essas realizações potencializam o consumo, pois fazem parte de um legue de produtos precisamos adquirir. O desejo de realizar sonhos, de fazer coisas coloca o indivíduo num campo de vulnerabilidade.

Para que a sua realização não o leva a uma vida consumista é necessária observa as limitações que se tem e caminhar a partir dela. Não que as limitações não devam ser superadas, com toda certeza devesse supera-las, mas através de esforços legítimos.

Enquadrar o consumismo dentro do terceiro ponto apresentado por Millard, trás indagações de punho sócias, pois o ser humano tem o direito de avançar a vida e construir um futuro melhor. E ajudá-lo a fazer isso de forma saudável é uma ocupação de ação da teologia publica.

Favorecer o indivíduo a usufruir de uma vida digna sem ser presa fácil do consumismo que “tão de perto nos rodeia” deve ser alvo da nossa generosidade e comprometimento.

Segundo as argumentações de Millard podemos observar a naturalidade de se ter desejos. E recorreremos a Ladd em sua citação já feita acima, onde vemos que o problema esta quando esse desejo atrai e engoda ao homem para satisfazê-lo de forma errada.

Conner acrescenta que em se tratando de desejo, até na hora de ceder à tentação é o desejo do homem que esta sendo colocado em pratica. O desejo não somente o conduz

¹⁴ MILLARD. 1997, p. 242

a tentação, mais também o faz obedecer e ceder a ela. “Ao ser tentado o homem, todavia, obedece porque assim o deseja”¹⁵.

Rubem Alves faz um comentário sobre o desejo pertinente nesse momento da pesquisa, ele comenta que:

Mas, o pior de tudo, como Freud observa, é que nem sempre temos consciência do que desejamos. Não sabemos o que queremos ser. Não sabemos o que desejamos porque o desejo, reprimido, foi forçado a habitar as regiões do esquecimento. Tornou-se inconsciente. Acontece que o desejo é indestrutível. E lá, do esquecimento em que se encontra, ele não cessa de enviar mensagem cifrada – para que os seus captores não as entendam. E elas aparecem como sintomas neuróticos, como lapsos e equívocos, como sonhos... Os sonhos são a voz do desejo¹⁶.

Segundo Rubem Alves, o desejo não se restringe apenas a um momento, mas é algo muito mais duradouro e até “indestrutível”, ou seja, aquilo que desejamos hoje, por mais que não o realizemos, poderá nos atrair e engodar amanhã. Na visão de Rubem, um desejo não realizado não morre, apenas vai “habitar as regiões do esquecimento”, mas continua existindo, porém com um agravante, o possuidor desse desejo pode não estar se atentando para o perigo que está alojado dentro dele.

Tentação Interna e Externa

O Dr. Aníbal Pereira Reis, em seu livro “O Diabo”, coloca que “A natureza da obsessão consiste numa serie de tentações mais comuns e ocasionais, podendo ser externa e interna.”¹⁷

Quando a tentação esta relacionada aos sentidos como, por exemplo, olhos, ouvidos e o tato, a tentação é denominada pelo Dr. Aníbal como sendo tentação externa, e tal denominação tem como base o fato ,segundo doutor, desses sentidos serem externos. Ele comenta que a tentação:

É externa quando atua sobre os sentidos externos, como os olhos, os ouvidos, o tato. O obsesso vê formas repelentes e aterradoras. Outras vezes a obsessão o leva a ver aparições de “nossas senhoras” ou de “santos”. Satanás, especialista em contrafazer a obra de Deus, tudo empreende para ludibriar(...) As principais

¹⁵ CONNER, 1950, p. 10.

¹⁶ ALVES, Rubem. *O Que É Religião*. Indaiatuba: Ars Poetica, 1996, p. 74

¹⁷ REIS, Dr. Aníbal Pereira, *O Diabo*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1976, p. 63

devoções católicas populares se baseiam em “Revelações” as freiras vexadas pelo obsessor, sempre interessado em “Perturbar os retos caminhos do Senhor (At.13:10)A obsessão Externa acontece muito nos meios religiosos porque Satanás se empenha sobremodo em desvirtuar, adulterar, a obra de Deus. É evidente que se deve levar em conta os casos de alucinações produzidas por superexcitação nervosas.¹⁸

A tentação na vida do homem pode ser tanto externa ou interna. As externas são tentações que surgem mediante desejos oriundos dos nossos sentidos, despertando em nós desejos dos quais surgirão a tentação.

Por serem desejos que nascem de nossos sentidos externos, como a visão, por exemplo, é chamada de tentação externa, seria como alguém que acessa sites pornográficos ou manuseia material de igual teor, depois terem desejos e com os tais surgem as tentações na área sexual.

A mídia atua como fonte de tentação externa, provocando os sentidos, criando necessidades não existentes e levando ao desejo de consumo. O marketing procura despertar o desejo da compra. Assim como as vitrines das lojas que aguçam a vontade de adquirir o objeto nela exposto.

O consumismo tem como aliado práticas mercantis de sedução que traem e engodam o ser humano ao consumo. Tem coisas que o ser humano não deseja até ver. Por outro lado, temos o caso de Jardim o Édem, onde o fruto proibido era visto e não causava nenhum desejo. Até que tal desejo brotou pelo apelo de consumo feito pela serpente.

Assim como temos regras em alguns setores como cigarro e bebida em seus apelos comerciais. Há de se pensar como o consumidor é atraído a ser um consumista pelas tentações externas que lhe é imposta. É necessária elaboração de políticas que norteiem a conduta mercantil.

Para o mesmo teólogo a tentação é interna, “quando provoca impressões íntimas para atuar na imaginação e na memória, e sobre as paixões para excitá-las”. Pensamentos que invadem a mente da pessoa, imagens que persistem em sua lembrança. Embora o Dr. Aníbal, coloque esse aspecto como sendo pertencente a tentação interna, é difícil não compará-la a externa.

É interna a obsessão quando provoca impressões íntimas para atuar na imaginação e na memória, e sobre as paixões para as excitar. A pessoa é invadida por imagens

¹⁸ REIS, 1976, p. 63

importunas, obsessoras, persistentes. Sente-se empolgada pela efervescência da cólera, que pode levá-la ao assassinato; pelas ânsias do desespero, que podem levá-la ao suicídio.¹⁹

O consumismo tem lados obscuros. A necessidade intensa de satisfazer-se levando o ser humano a um quadro incontrolável. A obsessão por determinado objetivo que se aloja na mente humana e o engano de realização, ou até mesmo uma realização momentânea no consumo.

Considerações Finais

O consumismo é um processo de tentação que o ser humano passa. O consumismo se inicia no desejo de algo comum, como uma roupa, um calçado, um utensílio doméstico. Mas a falta de controle para com esse desejo que acarreta o surgimento de tal comportamento.

A teologia precisa dialogar com a sociedade sobre tal problema. As próprias igrejas como comunidades poimênicas, podem interagir proporcionando subsídios para a recuperação do indivíduo que sofre desse mal.

Numa ação da teologia publica podemos pensar na educação financeira e ações poimênicas via criação de grupos de apoios. A realização de cursos e palestras sobre como ter um consumo consciente dentro e fora das igrejas, tanto para os membros de suas comunidades quando para a sociedade em que esta inserida.

Grupos de apoios são possibilidades de recuperação dessas pessoas. Assim como temos grupo de apoio, Alcoólatras e Narcóticos Anônimos, e outros grupos de atuam na recuperação de adictos, precisamos entender o consumismo como uma adicção que precisa ser tratada.

Há instituições para-eclesiásticas que fornecessem cursos de finanças para serem realizados em igrejas, porem ainda não atendem um numero expressivo, precisamos trabalhar para ampliação das ações voltadas para a diminuição do consumismo e dos malefícios que essa prática ocasiona na sociedade.

Podemos concluir que o consumismo é um problema social que necessidade da ação da teologia publica em favor da própria sociedade, que envolvida pelas seduções do consumo do presente século tem se tornado vulnerável para lidar com esse engodo.

¹⁹ REIS, 1976, p. 63

Acredito que podemos ser reposta para esse mal que tanto destruí indivíduos, famílias e, por consequência, a sociedade.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *O Livre-Arbítrio*. 2.ed.São Paulo: Paulus, 1995.
- ALVES, Rubem. *O Que É Religião*. Indaiatuba: Ars Poetica,1996.
- BAXTER, J. Sidlow. *Examinai as Escrituras: Atos a Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- BECQUET, G. *A Carta de Tiago*. São Paulo: Paulinas, 1991
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1990
- BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983
- CARREZ, Maurice.; DORNIER, Pierre.; DUMAIS, Marcel.; TRIMAILLE, Michel.. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulus, 1987.
- CONNER, Walter T. *O Evangelho da Redenção*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950.
- CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Líber, 2001.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- MILLARD, Erickson J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- MOO, Douglas J. *Tiago – Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- PETERSON, J. Allan. *Mito da Grama mais Verde*. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.
- REIS, Dr. Aníbal Pereira, *O Diabo*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1976.
- SHEDD, Russel. *O Mundo, a Carne e o Diabo*. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- URETA, Floreal. *Elementos de Teologia Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.
- YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Pecados*. São Paulo: PUC/Loyola, 2001.